

A REVISTA DABIQ E A CONSTRUÇÃO DO INIMIGO: UMA ANÁLISE DAS CLASSIFICAÇÕES UTILIZADAS PELO DAESH PARA NOMEAR OS SEUS OPOSITORES

The Dabiq Magazine and the construction of the enemy: an analysis of the classifications used by the DAESH to nominate its opponents

Leandro Loureiro¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **E-mail:** leandroloureirocosta@gmail.com. **ORCID:** <http://orcid.org/0000-0003-3787-9015>

Recebido em 14 mai.2019 | Aceito em 19 ago.2019.

RESUMO

A organização terrorista Estado Islâmico tem sido obstáculo para a segurança política em diversas regiões do mundo. Esta incerteza ocorre tanto pela promoção de atentados, mas também pela capacidade do grupo em recrutar indivíduos para que lutem pelos seus interesses. Para tal objetivo, desenvolveu-se uma máquina de propaganda com poder de construir representações demonizadas do inimigo e criar fortes identificações para os que partilham das ideias da organização. Esta pesquisa se baseou na Revista Dabiq para analisar como o mundo social do grupo foi construído. A partir dos seus textos e imagens foi possível compreender quais são os elementos que o compõem, dando subsídios para estudos mais específicos sobre a problemática do extremismo islâmico. Estes padrões lexicais caracterizam os chamados “inimigos” do Estado Islâmico, além da própria identificação do “eu” do grupo estar diretamente ligada a definição do “outro”, são parte de uma visão de mundo que busca responder às crises da modernidade, propondo uma substituição radical baseada na violência.

Palavras-chave: Estado Islâmico; Revista Dabiq; Extremismo Islâmico.

ABSTRACT

The terrorist organization Islamic State has been an obstacle to political security in various regions of the world. This uncertainty occurs both for the promotion of attacks, but also for being able to recruit young people around the world to fight in accordance with the interests of the group. To this end, a propaganda machine was developed with the power to construct demonized representations of the enemy and to create strong identifications for those who share the ideas of the organization. This research was based on Dabiq Magazine to analyze how the social world of the group was constructed. From its texts and images it was possible to understand which are the elements that make up the same, giving subsidies for more specific studies on the problematic of Islamic extremism. These lexical patterns characterize the so-called "enemies" of the Islamic State, and the very identification of the group's "I" is directly linked to this definition of the "other." These are part of a worldview that seeks to respond to the crises of modernity by proposing a radical substitution based on violence.

Keywords: Islamic State; Dabiq Magazine; Islamic Extremism.

INTRODUÇÃO

A organização terrorista, Estado Islâmico do Iraque e do Levante (DAESH²), obteve destaque midiático após uma série de conquistas territoriais durante o conflito na Síria em 2011

² O Estado Islâmico do Iraque e do Levante também é conhecido por Estado Islâmico do Iraque e da Síria. Também é comum encontrar outras siglas que o definem além de DAESH, como ISIL, ou ISIS. A utilização da sigla DAESH é derivada do nome árabe do grupo, al-Da'ula al-Islamiya al-Iraq wa Sham. Para os militantes do DAESH, esta sigla tem tom pejorativo, pois sua pronúncia é semelhante a palavra “dahes”, que significa “aquele que semeia a desordem” em árabe.

e, também, pelo emprego de táticas terroristas pelo mundo. Sua origem está na dissidência entre a Al-Qaeda do Iraque e a Al-Qaeda Central. A primeira, contrariando as ordens de Osama Bin Laden, chefe da rede terrorista, estabeleceu-se de forma autônoma fundando a organização conhecida como Estado Islâmico do Iraque em 2006, realizando fusões com outras redes extremistas sunitas na região e também absorvendo uma divisão da Al-Nusra, sede da Al-Qaeda na Síria nos anos seguintes (Napoleoni 2016, p.53; Fonseca e Lasmar 2017, p. 26).

Em 2014, após um processo de expansão na região da Síria e do Iraque, época em que o grupo ocupava uma área maior que o Reino Unido, Abu Bakr Al-Baghdadi, líder da organização, declarou o Califado do Estado Islâmico do Iraque e do Levante, nomeando a si mesmo o califa. Este crescimento do grupo foi baseado no recrutamento de indivíduos para integrarem os *fronts* de batalha na Síria e no Iraque ou simplesmente para viverem nas regiões ocupadas, trabalhando em outras atividades (Napoleoni 2016, p.58).

Algumas das estratégias de recrutamento são a produção e divulgação de mídias digitais na internet. Tal tática de propaganda reproduz narrativas que ameaçam aos principais rivais do DAESH e constrói narrativas sobre a legitimidade da organização como entidade política mítica que, por sua vez, representa todos os muçulmanos do mundo através de um califado (McCants, 2015; Fonseca e Lasmar 2017, p. 39).

Um dos veículos de comunicação mais utilizados para a propagação de narrativas de legitimação institucional e do incentivo ao emprego da violência foi a revista Dabiq. Publicada em inglês, a Dabiq teve 15 edições durante o período de julho de 2014 até julho de 2016, sendo facilmente encontrada através dos diversos indexadores de busca.

A produção da revista foi responsabilidade do Al Hayat Media Center, uma das divisões de propaganda do DAESH. Eles são encarregados de divulgarem o ideal do Estado Islâmico em diversos idiomas na luta pela união dos muçulmanos espalhados pelo mundo sob a égide do califado. O centro de mídia produz conteúdo audiovisual e escrito de percepções sobre as doutrinas do islã e no recrutamento de muçulmanos para habitarem nos territórios ocupados (Al Hayat, 2014b).

A publicação é homônima de uma região no norte da Síria, mencionada na hadith, conjunto de textos que auxilia os fiéis muçulmanos na compreensão das profecias sobre o fim dos tempos. Dabiq é o local, segundo a tradição islâmica, onde ocorrerá a luta final entre os muçulmanos e seus inimigos. O conteúdo da revista é focado na divulgação externa. Geralmente, cada edição contém um resumo dos principais atentados atribuídos ao DAESH em um período recente, também conta com testemunhos de recém-convertidos, críticas e ameaças ao ocidente e a líderes muçulmanos que são acusados de trair a sua fé.

A primeira edição da revista, intitulada “The Return of the Khilafah”³, tem discursos de líderes do Estado Islâmico e, também, tem sua parte explicativa nas seções sobre os conceitos da doutrina islâmica. Nas páginas da publicação, é possível encontrar imagens de muçulmanos supostamente assassinados pelo exército sírio, pela coalizão ocidental e pela Rússia. O apelo nas fotos também acontece nas chamativas montagens que convocam os simpatizantes do grupo a eliminarem os seus inimigos, fazendo uma referência dos seus militantes, comparando-os o contexto dos mesmos ao tempo das cruzadas, com guerreiros cavalgando em planícies e portando cimitarras (Al Hayat, 2014a).

OBJETIVOS E MÉTODOS

Esta pesquisa analisou o conteúdo dos textos da revista Dabiq, com o intuito de investigar os termos que constroem a identidade dos inimigos do DAESH. Para a realização deste propósito, fez-se uma análise de conteúdo de todas as 15 edições que compõem a publicação. Devido à relevância que o grupo dá ao fator comunicacional, o objetivo geral da pesquisa é produzir ferramentas que auxiliem a compreensão sobre o recrutamento de indivíduos para o DAESH, sobretudo as pessoas que estão em um contexto onde predomina a chamada modernidade ocidental, que é baseada no Estado-nação, no secularismo e nas democracias liberais.

A análise de conteúdo é um instrumento de pesquisa que tem potencial para reduzir uma grande quantidade de texto em categorias estruturadas em códigos (Weber, 1990). Nesse sentido, um dos objetivos específicos do presente trabalho é a codificação das diversas seções da revista Dabiq que fazem referência aos inimigos do DAESH. Procurou-se investigar os termos que constroem a identidade dos inimigos do DAESH por meio de sua quantificação básica. O processo de codificação foi feito com auxílio do software Nvivo, pois, através da sua dinâmica de uso, foi possível mapear todos os documentos da revista em formato de documento portátil⁴. O programa também teve um papel importante na contagem e na identificação de termos que caracterizam os inimigos do DAESH. O objetivo específico é o de construir um glossário de expressões utilizadas nos meios de comunicação do Estado Islâmico para os chamados inimigos desta organização política. Essa ação seria empregada para formar uma ferramenta que auxilie na análise posterior de outros veículos de divulgação, como por exemplo, os vídeos de execuções, de atentados e de ameaça aos opositores do suposto califado.

Um dos maiores desafios dessa ação foi a inexistência de seções fixas da publicação, exceto pela seção “In the words of the enemy” que aparece em todas as quinze edições da revista. Portanto, houve o imperativo de classificar as sentenças das revistas nas quais aparecem os adjetivos que são utilizados para definir os rivais do grupo.

³ O retorno do Califado em português. Forma de Estado e de governo nos tempos de Maomé.

⁴ Nome da extensão de arquivo “.pdf”.

O CONCEITO DE TERRORISMO E OS TERMOS UTILIZADOS PARA CLASSIFICAR O INIMIGO

Os diversos adjetivos empregados pela Revista Dabiq têm servido para caracterizar as partes que o Estado Islâmico classifica como inimigos da fé muçulmana. A maioria dessas classificações são utilizadas de forma a militarizar o embate espiritual entre o bem e o mal, de acordo com as visões do DAESH sobre a própria religião. Em contraste, as narrativas da organização criam uma identidade guerreira para os seus membros. São os “mujahadin”, os “jihadistas”, os “guerreiros” prontos para morrer pela causa de Alá. Para analisar o processo de fabricação de identidades, é pertinente observar essa construção através do prisma do conceito de terrorismo, ou melhor, da violência terrorista, em sua dimensão metapolítica (Griffin, 2012).

O terrorismo é um dos conceitos mais controversos das ciências sociais. Como afirma, Laqueur (2004), um dos maiores expoentes sobre o assunto, a definição do termo “terrorismo” tem sido uma busca sem sentido, pois a única característica consensual entre os autores que pesquisam esta temática é a de que a violência está presente como elemento essencial nas discussões, sendo o uso ou a ameaça do uso da mesma.

De acordo com Griffin (2012), o terrorismo é um termo genérico que caracteriza atos de violência heterogêneos que surgem em relações assimétricas de poder, que ocorre geralmente fora de espaços e contextos comuns a cenários de conflito militar. Além disso, na maioria das vezes atingem não-combatentes.

Ademais, a violência tem como alvo um objeto direto, podendo ser um alvo humano ou material e, também, um objeto indireto. Nesse caso, são os terceiros que são atacados através da “mensagem” que está presente na violência que, nessa perspectiva discursiva, deve ser observada como um ato semiótico e performativo que tem como intuito mudar o comportamento, o modo de vida e as políticas desses terceiros, gerando insegurança e medo. Concomitantemente, os terroristas possuem objetivos metapolíticos e utópicos, que estão invisíveis aos outsiders, buscando transcender as consequências dos seus atos.

Os terceiros e os alvos pelos quais os ataques terroristas são direcionados, tanto quanto por mensagem como pela ação direta, são o Outro demonizado. O inimigo é frequentemente elevado a uma lógica mítica, que pode assumir uma variedade de formas, podendo ser um exército estrangeiro invasor, uma civilização que pode estar destruindo a cultura dos perpetradores dos atentados, ou até um sistema inteiro, sociedade ou religião. Dessa maneira, a violência terrorista tem objetivo expresso de alcançar um golpe simbólico ou a vitória contra o Outro demonizado a partir de uma guerra cósmica e metafísica entre o bem e o mal.

Griffin (2012) considera que as características simbólicas da violência terrorista são inseparáveis dos seus significados para os que cometem os atos. Estes aspectos são contidos na cosmologia dos terroristas e no papel deles em relação ao grupo alvo. Esta visão cósmica na maioria das vezes é impenetrável para os outsiders, mas é fator essencial na construção da racionalidade e da lógica dos terroristas.

Portanto, as adjetivações empregadas pelo DAESH pertencem a esse universo léxico cosmológico. São partes de uma estrutura que não apenas forma o inimigo como um guerreiro, mas também o caracteriza como soldado cristão da Idade Média ou inimigo demoníaco de Alá. Da mesma forma, essas mesmas estruturas são utilizadas para elevar os militantes do DAESH ao status de santos guerreiros (*mujāhidīn*). Homens e mulheres submissos a Deus, não apenas como bons fiéis, mas também como soldados disponíveis a matar pela causa divina, transformando pessoas normais em campeões de Alá.

Como pode ser evidenciado em algumas sentenças da revista Dabiq: “[...] a Muslim who resolved to join the *mujāhidīn* of the Islamic State in their war against the crusader coalition [...]”⁵ (Al-Hayat 2015a, p. 3).

Já nesta outra parte da revista, é possível observar o ar mítico e simbólico ao ser destacado o papel da cidade de Dabiq como local da batalha final entre Alá e os cruzados: “The spark has been lit here in Iraq, and its heat will continue to intensify – by Allah’s permission – until it burns the crusader armies in Dabiq[...]”⁶ (Al-Hayat 2014a, p. 2).

Até mesmo autoridades políticas são elevadas a um status mítico de caráter belicista, como o senador John McCain, que tinha cerca de 80 anos na data da publicação da segunda edição da Dabiq: “[...] the crusader John McCain came to the senate floor to rant irritably about the victories the Islamic State was achieving in Iraq [...]”⁷ (Al-Hayat, 2014b).

O termo romans também é utilizado em oposição aos muçulmanos e é colocado como força antagonista que deve ser combatida de forma obrigatória para que seja possível o renascimento do Califado: “The battle between the Muslims and the Jews, between the Muslims and the Romans, and the revival of the Caliphate, were all from among the signs foretold by the Prophet [...]”⁸ (Al-Hayat 2016b, p. 13).

Levando em consideração os termos acima apresentados, para identificar outros termos de forma mais precisa, foi necessário o emprego da ferramenta “Consulta de frequência de palavras” a partir do software Nvivo⁹. Esse instrumento tem como finalidade exibir o número de vezes que as palavras aparecem nos textos dos arquivos selecionados. Na imagem a seguir, é possível ver quais foram as palavras mais utilizadas na revista Dabiq.

⁵ “[...] um muçulmano que resolve se tornar um *mujāhidīn* do Estado Islâmico na guerra deles contra a coalizão dos cruzados [...]” (tradução nossa).

⁶ “A fásca foi acesa aqui no Iraque, eu seu calor vai continuar a se intensificar - pela permissão de Alá - até que queime os exércitos cruzados em Dabiq [...]” (tradução nossa).

⁷ “[...] o cruzado John McCain veio ao senado para reclamar irritantemente sobre as vitórias que o Estado Islâmico alcançou no Iraque[...]” (tradução nossa).

⁸ “A batalha entre os Muçulmanos e os Judeus, entre os Muçulmanos e os Romanos, e o renascimento do Califado, foram todos entre os sinais ditos pelo Profeta [...]” (tradução nossa).

⁹ O programa Nvivo foi escolhido devido à sua interface intuitiva, bem com a sua compatibilidade com arquivos de diversos formatos e capacidade de importar textos de arquivos .pdf. Ademais, o Nvivo tem ferramentas acessíveis para a codificação e classificação de itens, dispensando o conhecimento em linguagens de programação sendo o *software* de análise qualitativa mais indicado para os objetivos da pesquisa. Site do *software*: <<http://www.qsrinternacional.com/nvivo-portuguese>>.



Gráfico 2

A partir disso, foi feita a análise do contexto no qual estas palavras caracterizadoras foram empregadas nas páginas da Dabiq. Codificando linha por linha, no software Nvivo, as partes dos textos que aparecem os termos mencionados, foi possível encontrar os sentidos dados pelo DAESH às expressões abordadas. A seguir, com essas informações, pode ser elaborado o glossário que guiará futuros estudos sobre as narrativas construídas pelo grupo extremista.

GLOSSÁRIO

Na análise, algumas das principais expressões que são utilizadas para nomear os opositores do DAESH, encontradas durante a leitura da revista, são: ‘crusader’, ‘romans’, ‘sahwah’, ‘kufir’, ‘apostate’ e ‘secularists’.

- Crusader (Cruzado): Na idade média, era o guerreiro que lutava nas expedições militares na época das Cruzadas, em nome do Cristianismo, sendo muitas dessas intervenções realizadas contra forças muçulmanas em regiões consideradas sagradas pelas religiões. A Dabiq não só costuma classificar as forças militares dos Estados Unidos e da Europa como ‘crusaders’, mas também diversos líderes políticos e acadêmicos ocidentais também são definidos dessa forma. Mais ainda, também chamam os militares e líderes russos de ‘crusaders of the east’. Utilizando o Nvivo, as variações dessa expressão, no plural e no singular, foram encontradas 419 vezes nas edições da revista (Al Hayat, 2015b).
- Romans (romanos): Palavra utilizada para classificar os ocidentais de forma geral, que ganham esse nome dos militantes do DAESH, por serem considerados herdeiros do Império Romano.

Somando às variações “Rome” e “roman”, foram encontradas 114 referências desses termos na Dabiq.

- Rāfidah (os que rejeitam): Expressão empregada para indicar xiitas, os que rejeitam a suna, fonte de preceitos islâmicos dos sunitas. Esta palavra foi encontrada 335 vezes.
- Sahwah (renascidos): Nome dado aos sunitas que são contra o Estado Islâmico. Isso inclui a Al-Nusra, braço da Al-Qaeda na Síria. Foram encontradas 253 referências nos textos (Degerald, 2016).
- Kufr (não-crente): Kufr é uma expressão para nomear as pessoas que não são muçulmanas. Essa expressão foi utilizada 379 vezes nas publicações.
- Apostates ou murtadd (apóstatas): Muçulmanos que não estão de acordo com a versão do sunismo do DAESH. O termo é utilizado principalmente para classificar xiitas e outros grupos jihadistas sunitas, como o Taliban, por exemplo. Foram encontradas 940 referências para “apostates”, “murtadd” e derivações, como “apostate”, “apostasy” e “murtaddin”.
- Secularists (secularistas): Nas edições da revista, este termo foi empregado de forma dúbia. Na maioria das sentenças segue o sentido literal e classifica os grupos que defendem a não-intervenção da religião no Estado. Entretanto, é comum ver citações classificando grupos islamistas tradicionais, como a Irmandade Muçulmana, como secularistas. Também é possível encontrar, nos textos da Dabiq, informações de que alguns líderes mujahidin famosos são secularistas, como por exemplo, Abu Musab al-Suri, acusando-o de simpatizar com a Irmandade Muçulmana.

A ressalva em relação a essa organização, é de que a mesma age dentro do processo democrático, o que é visto como uma forma de secularização pelo DAESH. Um dos posicionamentos centrais do grupo é o de que a revolução não deve ser feita de forma pacífica e sim através das armas. Através do Nvivo, foram encontradas na Dabiq 100 referências da expressão ‘secularists’ e palavras relacionadas, como ‘secularist’ e secular (Al-Hayat, 2016a).

A BUSCA POR UM DOSSEL SAGRADO

A utilização desses termos não só se refere a construção de um antagonista, mas também significa uma formação de identidade assentada em uma realidade criada pelo Estado Islâmico, utilizando tradições existentes e adaptando-as de acordo com a sua visão sobre a própria religião.

O intuito não é só formar uma comunidade física, mas estabelecer normativamente pressuposições cosmológicas, costumes e tradições que remetem práticas e rituais antigos. Tudo isso formando em conjunto a ‘cultura’ do DAESH. Esse apego a uma nova cultura está diretamente ligado o ímpeto do ser-humano em criar novas comunidades na ausência de uma identidade comunal caracterizada pela diferenciação do lugar, pelas crenças e pela questão etno-linguística.

Também tenderá a criar novas visões de mundo e sentidos transcendentais quando não houver fontes dos mesmos (Griffin, 2012).

Para Peter Berger (1985) as culturas entram em crise ou até mesmo são destruídas, no decorrer da história da espécie humana, como expressões diversas de um sistema básico denominado 'nomos'. Esta expressão grega não corresponde apenas "a lei", mas também é uma palavra que representa o caráter mítico do espírito da lei. Por sua vez, esse caráter mítico é personificado pelo deus Nomos. O nomos aqui é entendido como uma ordenação significativa imposta às experiências e sentidos das pessoas.

Por exemplo, a sociedade pode ser considerada uma atividade nomizante, ou ordenadora, pois é uma tentativa de construção do mundo. A razão pela qual isso ocorre se dá pelo motivo de que o humano não possui os constrangimentos e as ordenações biológicas dos animais, sendo assim, torna-se obrigatório aos indivíduos a imposição de sua própria ordenação às experiências e sentidos. Esse tipo de ordenação é característico de toda interação social e, nesta interação, os diversos sentidos dos agentes se relacionam em um sistema de significado comum, formando um mundo social.

Este mundo constitui um nomos objetivo e subjetivo. O objetivo ocorre no processo de objetivação, quando se cria um objeto (material ou não-material) através da interação social. A linguagem, por exemplo, tem o poder de nomizar ao diferenciar a estrutura na experiência. Isso ocorre quando um objeto da experiência ganha um nome, a partir desse processo, ele é retirado da mesma e recebe também a sua estabilidade.

O nomos objetivo, através das relações sociais, é interiorizado, sendo apropriado pelo indivíduo que o torna sua própria estrutura de ordenação subjetiva. É quando ocorre essa ação de apropriação que o humano dá sentido à sua vida. Dando ordem e significativa para quem vive nesse mundo social, estruturando também a consciência individual. Portanto, quando há o afastamento radical do mundo social, também conhecido como processo de anomia, há uma ameaça grave à condição de indivíduo (Berger, 1985).

O ser humano perde a sua orientação na experiência, as conexões que o preenchem de forma emocional e podem até perder a sua percepção sobre a realidade e a sua identidade, tornando-se anômico. Nesse processo de desintegração, o ser humano perde a moral, pode sofrer consequências psicológicas e ser inseguro em relação a posições cognitivas, pois todo nomos que é construído socialmente se defronta com a possibilidade constante de entrar em anomia. Para melhor compreender a análise de Berger com a questão do DAESH, deve ser realizada uma relação entre o processo de mundo social e a religião.

Toda vez que o nomos construído socialmente alcança a aceitação, ocorre a fusão do seu sentido com os sentidos que são encarados como inatos ao universo, a conexão do nomos com o cosmos.

O nomos é um micro reflexo do cosmos em uma sociedade primitiva, ou seja, o mundo social é explicado a partir de significados considerados congêntos do universo. Essa replicação tem o poder de estabilizar as construções do nomos, porém Berger reitera que é necessário mais contribuições acerca desse apoio à estabilização. Para ele, quando o nomos é manifestação da “natureza” do universo, a sua estabilidade está construída em alicerces poderosos.

É nessa linha de raciocínio que pode ser inserida a religião. Da mesma forma que a religião pode ser encarada como um nomos, a versão extrema da religiosidade, rica ou pobre quanto ao conteúdo doutrinário, pode ser encarada como uma busca por um sentido em uma condição de anomia (Berger 1985, p. 48):

[...] a parte historicamente decisiva da religião no processo da legitimação é explicável em termos da capacidade única da religião de “situar” os fenômenos humanos em um quadro cósmico de referência. Toda legitimação serve para manter a realidade - isto é, a realidade, definida numa coletividade humana particular. A legitimação religiosa pretende relacionar a realidade humanamente definida com a realidade última, universal e sagrada. As construções da atividade humana, intrinsecamente precárias e contraditórias, recebem, assim, a aparência definitiva segurança e permanência. Dito de outra maneira, os nomoi humanamente construídos ganham um status cósmico.

A ausência desse nomos social e cosmológico, faz com que o indivíduo sinta o “medo da morte” do sentido. O medo do “nada” é o ponto em que as pessoas começam a preferir a morte do que a anomia em si. Sendo assim, a procura pela vida em um mundo nômico é empreendida sem limites, sendo o sacrifício, o sofrimento e a morte, até mesmo a morte do outro, o custo desse empreendimento, pois todos esses custos possuem um significado nômico para o indivíduo (Griffin 2012, p.97).

Eles buscam o que Berger denomina de ‘dossel sagrado’, uma visão de mundo metafísica, que tem força anti-anômica, é agregadora no sentido de comunidade e também é totalizante, porém, pode protegê-la dessa condição de sofrimento existencial causada pela ausência do nomos. Assim sendo, as palavras expressas são parte do vocabulário anti-anômico oferecido pelo DAESH, uma forma de nomear o inimigo e também formalizar sua própria identidade no mundo social diante de um nomos em colapso, sendo componente importante do ‘dossel sagrado’ do DAESH.

No objeto de estudo aqui proposto, o nomos em crise é o Estado-nação secular. A globalização tem colocado esse conjunto em crise, abalando o funcionamento dos governos e a legitimidade dos mesmos. Esse nomos pode ser analisado através da perspectiva do sagrado. Utilizando Berger em sua análise, considera a modernidade como um dossel sagrado e serve como uma função totalizante da realidade para que os que acreditam nesse processo se sintam em um mundo ordenado e de valor transcendental (Griffin, 2012).

Desde meados dos anos 1970, a mundialização a partir das grandes redes (sistema financeiro, transportes, cultura e migrações) cada vez mais tem afetado o nomos moderno do

Estado-nação secular. Segundo Habermas (2001), essas redes atuam na autoridade política do Estado, principalmente em assuntos que superam a função reguladora da administração do Estado e demandam uma solução a partir da cooperação, ou até mesmo minam a autonomia da autoridade política sobre as decisões. Como exemplo: o tráfico internacional de drogas, o terrorismo e o aquecimento global.

Ademais, também afetam à identidade coletiva. Por exemplo, na sociedade de bem-estar social europeia, o crescimento das reações etnocêntricas contra a globalização provoca a fragmentação política. Em vista disso, existem dois tipos de efeitos da cultura nas identidades coletivas de acordo com a crise do Estado nacional. O primeiro é de que o encontro de diversos sistemas culturais produz como reação defensiva a reafirmação da identidade nacional. A globalização acelera os fluxos migratórios e altera a composição cultural dos países europeus, sendo um desafio para os Estados nacionais. Neste cenário, a globalização afeta a relação entre a democracia e as sociedades multiculturais. Embora o sistema democrático tem se mantido como uma alternativa para solucionar os desafios advindos das sociedades multiculturais a partir da formação de uma cultura política comum, a democracia também tem se mostrado desafiada pela mesma situação, já que a existência de uma cidadania plural demanda políticas que impactam na estrutura nacional.

Dessa forma, existe a tendência pela demanda de políticas de reconhecimento de identidade, que deve ser colocada em segundo plano em relação ao reconhecimento de uma cultura política comum, que é “disfarçada” de cultura nacional. Quando essa perspectiva é bem-sucedida, a cidadania advém do patriotismo constitucional, enquanto a identidade cultural de origem é colocada em segundo plano, quando dá errado, entretanto, há a fragmentação da coletividade e diversas “subidentidades” que acabam se isolando. O segundo efeito da identidade cultural no esgotamento do Estado-nação é relativo ao hibridismo causado pela assimilação à uma chamada cultura global que altera a solidez das culturas locais. Nessa perspectiva, a globalização impacta no Estado nacional através da difusão e a padronização de uma cultura de massa essencialmente estadunidense baseada no consumo. Essa “homogeneização” cultural, na Europa ocidental, parece diminuir as diferenças entre as diversas identidades nacionais. Esta tendência favorece forças internas dentro do Estado nacional, que podem quebrar a associação histórica entre o republicanismo e o nacionalismo.

A primeira razão, voltada para o reconhecimento de identidades que acaba por fragmentar a nação, tem sido a tônica nos Estados europeus. Já a segunda razão, a tentativa de replicar o modelo de Estado-nação nas novas unidades políticas descolonizadas no pós-Segunda Guerra Mundial, também não foi bem-sucedida na tentativa de unificar as identidades naquelas regiões.

Sendo assim, a partir da crise desse nomos, produzindo uma massa em Estado de anomia, o DAESH se mostra como uma alternativa aos indivíduos que buscam preencher esse vazio existencial. São construtores de histórias e de valores, empregando princípios derivados do islã, mas adicionando outras estéticas que ampliam o significado cósmico da religião. Criou-se um

sistema cultural heroico, com características religiosas e mágicas, onde as pessoas se sintam incluídas como participantes de um destino e de um significado.

Esta força simbólica do Estado Islâmico tem grande poder de persuasão e também tem a capacidade de se transnacionalizar, pois, por estar baseada na religião, não possui os constrangimentos de solidariedade que uma nação ou etnia possuem. Apesar de prometer a guerra e a aniquilação para muçulmanos xiitas, judeus, cristãos e outros que não partilham da mesma crença, ao mesmo tempo ela é universalizante, pois agrega todas as pessoas que estejam disponíveis a abdicarem de suas vidas ordinárias, além de terem que aceitar Alá como único Deus e Maomé como o Profeta.

O DAESH se define como unidade política responsável pela *umma*, termo árabe empregado para caracterizar todos os muçulmanos espalhados pelo mundo. Entretanto, a unidade política baseada no território, devido à destruição dos seus centros de operação na Síria e no Iraque, foi sendo minada e o grupo passou a se auto-classificar como califado transnacional, não precisando estar em um território, mas sim nos corações e mentes dos seus militantes espalhados pelo mundo, convocando-os para cometer atentados nos locais onde estão, sem a necessidade de que viajem para combater no Oriente Médio.

Ademais, grande parte do material de divulgação do DAESH é espalhado em inglês e outros idiomas de acordo com a região. Inclusive, os vídeos mais famosos foram realizados por membros que falavam francês e inglês, como forma de aproximação dos possíveis recrutados em países anglófonos e francófonos.

CONCLUSÃO

A partir de todos os itens aqui abordados, pode ser observado que, a partir do pequeno dicionário realizado, os termos utilizados pelo DAESH na Revista Dabiq para classificar os inimigos, tem papel importante, não só na construção deles como rivais, mas também na formação da própria identidade de grupo.

Eles atuam como parte da estrutura de mitos, tradições e princípios criadas pelo grupo como forma de caracterizar seus soldados como guerreiros santos. Os inimigos, por sua vez, também ganham um status romantizado, como por exemplo, o emprego da palavra “cruzados” para classificá-los, porém são definidos como antagonistas, demonizados, devendo ser aniquilados para que se faça a vontade de Alá.

Com o dicionário formado, também pode ser observado que essas palavras são parte do universo de símbolos do Estado Islâmico. Sendo complementado, na revista e outros meios de comunicação audiovisual, pela produção de imagens de soldados em cavalos brancos, portando cimitarras, praticando a leitura do alcorão etc.

Este dicionário poderá auxiliar outros estudos sobre as narrativas, não só do DAESH, mas de outros grupos extremistas islâmicos. Esta pesquisa também poderá ser usada para entender

melhor o processo de recrutamento de militantes sendo uma ferramenta válida para responder futuros questionamentos sobre a problemática do terrorismo religioso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Al Hayat Media Center. (2014a) The Return of the Khilafah. Dabiq Magazine. 1435 Ramadan. Issue 1. Disponível em: <https://jihadology.net>. [Acesso em: 3 Fev. 2019]

_____. (2014b) The Flood. Dabiq Magazine. 1435 Ramadan. Issue 2. Disponível em: <https://jihadology.net>. [Acesso em: 3 Fev. 2019]

_____. (2015a) Al-qā'idah Of Waziristan: A Testimony from Within. Dabiq Magazine. 1435 Ramadan. Issue 6, [online]. Disponível em: <https://jihadology.net>. [Acesso em: 3 Fev. 2019]

_____. (2015b) Just Terror. Dabiq Magazine. 1437 Safar. Issue 12. Disponível em: <https://jihadology.net>. [Acesso em: 3 Fev. 2019]

_____. (2016a) The Murtadd Brotherhood. Dabiq Magazine. 1437 Rajab. Issue 14. 2016a. Disponível em: <https://jihadology.net>. [Acesso em: 3 Fev. 2019]

_____. (2016b) Break the Cross. Dabiq Magazine. 1437 Rajab. Issue 15. Disponível em: <https://jihadology.net>. [Acesso em: 3 Fev. 2019]

Berger, P. L. (1985) O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus.

Degerald, M. (2016) How Daesh talks about the world: Central points of Daesh discourse. Disponível em: <<https://historyxisis.com/2016/03/10/how-daesh-talks-about-the-world-central-points-of-daesh-discourse/>>. [Acesso em: 25 de jun. 2018].

Fonseca, G. D. e Lasmar, J. M. (2017) Passaporte para o Terror. Curitiba: Appris.

Griffin, R. (2012) Terrorist's Creed: Fanatical Violence and the Human Need for Meaning. New York: Palgrave Macmillan.

Habermas, J. (2001) A constelação pós-nacional: ensaios políticos. São Paulo: Littera Mundi.

Laqueur, W. (2004) No End to War: Terrorism in the Twenty-first Century. New York: Continuum International Publishing Group.

Mccants, W. (2015) The ISIS Apocalypse: The History, Strategy, and Doomsday Vision of the Islamic State. New York: St. Martin's Press.

Napoleoni, L. (2016) A Fênix Islamista: O Estado Islâmico e a Reconfiguração do Oriente Médio. Rio de Janeiro: Betrand Brasil.

Weber R. P. (1990) Basic Content Analysis. Newbury Park: Sage.